

## O PROCESSO DE ESPORTIVIZAÇÃO DA CAPOEIRA NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO

Kalyla Maroun<sup>1</sup>, Weslly Valério de Souza<sup>2</sup> e Ludmila Nunes Mourão<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Departamento de Didática, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro

<sup>2</sup> Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora.

[kalylamaroun@gmail.com](mailto:kalylamaroun@gmail.com).

Submetido em 23 de Março de 2015

Aceito em 21 de Março de 2016

### RESUMO

Este trabalho teve como objetivo descrever o processo de esportivização da capoeira na atualidade. Para tanto, aliamos pesquisa historiográfica sobre os processos de resignificação de tal prática corporal com etnografia de um evento competitivo de capoeira, na cidade de Juiz de Fora (MG). Além disso, entrevistamos dois capoeiristas que participaram do evento sistematizando, a partir da coleta de dados, às seguintes categorias analíticas: “visibilidade e profissionalização”, onde é destacada a visibilidade que o capoeirista pode adquirir participando de competições, e a possibilidade de profissionalização; “capoeirista atleta”, que traz elementos descritivos sobre preparação física e técnica que antecedem as competições; “a competição na trajetória e na formação do capoeirista”, em que percebemos o papel das competições na aquisição de status, visibilidade e motivação para o treinamento. Logo, o processo de esportivização da capoeira na atualidade ocorre em função da consolidação de sua faceta esportiva, de sua legitimação como esporte e do aumento do número de competições, que acaba contribuindo para a divulgação da modalidade, incitando, também, uma profissionalização desse meio. As reflexões levantadas aqui não refletem o processo de esportivização da capoeira em sua plenitude, no entanto, levantam questões fundamentalmente importantes para a análise desse processo.

**Palavras-Chave:** Capoeira; Esportivização; Competições.

## **THE SPORTIVIZATION PROCESS OF CAPOEIRA IN CONTEMPORANEOUS SCENE**

### **ABSTRACT**

This paper aimed to describe the process of sportivization of capoeira. To do so, we combined historiographical research on the processes of resignification of such body practice with ethnography of competitive event of capoeira in the city of Juiz de Fora (MG). In addition, we interviewed two capoeiristas who attended the event, systematizing from the data collection, the following analytical categories: "visibility and professionalization", where is highlighted the visibility that the capoeirista can acquire in competitions, and the possibility of professionalization; "Capoeirista athlete?" That brings descriptive elements about physical and technical preparation prior to the competition; "Competition in the trajectory and training of capoeirista", in which we realized the role of competition in the acquisition of status, visibility and motivation for training. Thus, the process of sportivization capoeira today is due to the consolidation of its sporting facet, its legitimacy as a sport and increase the number of competitions that ends up contributing to the dissemination of the sport, also inciting a professionalization that medium. The considerations raised here do not reflect the process of sportivization of capoeira in its fullness, however, raise fundamentally important for the analysis of this process issues.

**Keywords:** Capoeira; Sportivization; Competitions.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tematiza o processo de esportivização da capoeira no cenário contemporâneo, e foi desenvolvido a partir de uma pesquisa de campo realizada durante um evento desportivo da referida prática corporal, na cidade de Juiz de Fora, localizada no estado de Minas Gerais. Durante o evento, foi realizada uma etnografia aliada a entrevistas semiestruturadas com os capoeiristas competidores.

Alves e Montagner (2008) são dois autores que transitam pelo campo de estudo que versa sobre a esportivização da capoeira, defendendo a ideia de que tal processo é ainda apresentado de forma subjetiva e pouco substanciado, já que a perspectiva esportivizante poderia ocasionar uma perda de essência e tradicionalidade, assim como, uma possível descaracterização da arte. Os mesmos autores alertam, ainda do ponto de vista negativo da esportivização, que seria possível identificar uma exclusão daqueles que não desenvolvem a prática com a finalidade esportiva, uma vez que esta dimensão iria priorizar os mais hábeis, contribuindo para uma supervalorização do físico/técnico e à falência dos grupos não vinculados ao esporte.

Por outro lado, na perspectiva de apontar alguns possíveis aspectos positivos da esportivização, Alves e Montagner (2008) indicam que esta poderia garantir possibilidades de ascensão social de mestres, professores e instrutores<sup>1</sup>, além da disseminação da cultura brasileira e do aumento da visibilidade internacional da capoeira. Sobre tais posicionamentos, entende-se que existe a possibilidade das pessoas buscarem e praticarem a capoeira com intuito competitivo. Uma organização competitiva adequada, como o modelo de capoeira nos JEBs (Jogos Escolares Brasileiros), tem conseguido abranger as suas várias competências (historicidade, musicalidade, solidariedade, criticidade, sociabilidade). Estas competências podem vir a contribuir para a reflexão sobre um formato de esportivização da capoeira que não comprometa a sua essência enquanto objeto cultural/artístico/educador (ALVES; MONTAGNER, 2008).

Segundo Pasqua (2008), Alves e Montagner (2008) e Baptista (2010), a esportivização da capoeira tem se dado a partir da presença da competição na modalidade, competição esta institucionalizada, regrada, oficializada e legitimada. Para Barbanti (2006), nem toda competição atende à condição de esporte. Para tanto, é necessário que haja dois participantes adversários ou equipes realizando a mesma atividade, com regras e condições padronizadas e pré-estabelecidas, asseguradas por uma instituição oficializada. Para Marchi Jr (2004), o esporte pode ser compreendido como um fenômeno processual, físico, social, econômico, cultural e historicamente construído, presente na maioria dos povos e culturas. Ainda segundo o autor, na contemporaneidade ele vem se popularizado globalmente pelas lógicas contextuais voltadas aos processos de mercantilização, profissionalização e espetacularização. Diante do exposto, percebemos que a capoeira já está plenamente estabelecida enquanto esporte, apresentando competições em níveis municipais, regionais, nacionais e até internacionais.

Dentre alguns dos marcos contemporâneos importantes acerca do processo de esportivização da capoeira, destacam-se os seguintes momentos: em 1992 é fundada a Confederação Brasileira de Capoeira (CBC), através do desmembramento do Departamento Nacional de Capoeira ligada à Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP). Em 1995, a CBC é vinculada ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Mais recentemente, em 2002, a capoeira é introduzida como modalidade oficial nos Jogos Regionais e Abertos do Interior dos Estados de São Paulo e de Goiás (VIEIRA, 2006).

---

<sup>1</sup> Na capoeira, constituem-se em uma ordem hierárquica, da menor para a maior graduação, respectivamente: instrutores, professores, mestrados ou contramestres e mestres. A aquisição de graduações na capoeira se dá pelo tempo de prática, dedicação às aulas, conhecimento sobre a capoeira e sua história, e somente pode ser legitimada por alguém que tenha graduação superior a daquele que está recebendo o “título”.

Após três décadas de expansão por todo território brasileiro e mundial, com cerca de seis milhões de praticantes e 35 mil núcleos de ensino em todas as regiões brasileiras, a capoeira torna-se uma das principais práticas corporais/esportivas do país. Há 24 federações estaduais e 92 ligas regionais e municipais vinculadas à CBC. A Federação Internacional de Capoeira (FICA) fundada em 1999, já soma sete federações nacionais (Canadá, Argentina, Portugal, Holanda, França, Alemanha e Austrália), além de identificar a presença da luta em outros 156 países (VIEIRA, 2006).

De acordo com a literatura referente à faceta esportiva da capoeira, existe um duelo entre esportivizá-la ou não. Para compreendermos como se encontra o cenário atual da capoeira, é necessário apresentarmos os pontos importantes que a constituem. Desse modo, o objetivo deste trabalho é descrever a forma com que o processo de esportivização da capoeira vem ocorrendo na atualidade, a partir da observação empírica de um evento desportivo relativo a tal prática corporal, com ênfase nos capoeiristas competidores.

### ***Breve histórico da capoeira***

A discussão sobre o processo de esportivização da capoeira na atualidade demanda a apresentação de alguns marcos que remetem à sua origem, seu percurso histórico e à participação de atores/mestres importantes em seus processos de ressignificação. Utilizamos aqui a categoria intitulada “inventividade da tradição” proposta por Sahlins (2004) para pensar os processos de ressignificação pelos quais a capoeira foi submetida desde sua origem (ainda que não haja um consenso sobre quando e onde, de fato, ela teria surgido) até os dias atuais. Tal categoria remete às tradições na história moderna como modalidades culturalmente específicas de mudanças recriadas no, e para, objetivos presentes. Nas palavras do autor: “[...] nenhuma cultura é *suis generis*. É a fabricação mais ou menos consciente da cultura em resposta a “pressões” externas imperativas, é um processo normal [...]” (SAHLINS, 2004, p. 522). Portanto, a capoeira, enquanto prática cultural, passou por distintos momentos ao longo da história, respondendo a valores e representações específicas segundo o contexto no qual se localizava, o que não será abordado detalhadamente aqui, uma vez que o foco é pensá-la no contexto contemporâneo.

Inicialmente, podemos dizer que a capoeira é uma manifestação cultural afro-brasileira criada por negros escravos no período da escravidão como forma de luta contra a classe opressora no Brasil. Esta concepção sobre a origem da capoeira é, de fato, a mais aceita na literatura. Entretanto, tem-se disponível no referencial teórico sobre a temática outras duas possibilidades acerca de sua origem, que são os chamados “mitos fundadores” da capoeira (IPHAN, 2007, p.11). São eles: a de que a capoeira foi criada na África Central e trazida intacta por africanos escravizados; a de que tal manifestação foi criação de índios, e que a origem do vocábulo que a nomeia faz parte da língua tupi, significando “mato-ralo”, numa alusão ao mito do escravo fugitivo, que surpreenderia seu perseguidor nas capoeiras, numa espécie de cilada. Esta última hipótese é de difícil sustentação, uma vez que não há nem documentação vinculada a este dado, nem mesmo representante indígena que reivindique essa “paternidade”. Ainda hoje as três hipóteses geram questões não resolvidas (IPHAN, 2007).

Cabe ressaltarmos que, apesar dos “mitos fundadores” acima citados, não há um consenso na literatura sobre a origem da capoeira, ou seja, essa lacuna ainda vem sendo investigada por pesquisadores de diferentes áreas. Soares (1999) se posiciona no debate sobre a origem da capoeira entre os autores que defendem a tese de seu surgimento no meio urbano, em cidades como Rio de Janeiro, Recife e Salvador, a partir das experiências tecidas pela escravidão neste âmbito. Entretanto, o autor não descarta a validade dos estudos que apontam para a África como local de origem da capoeira, pois, ainda que ela tenha surgido no Brasil, isso só foi possível mediante um conjunto de experiências adquiridas e trazidas pelos africanos escravizados, e ressignificadas a partir da realidade em que foram inseridos.

Sabe-se que a capoeira teve início no período colonial brasileiro. Porém, é difícil ser preciso em uma data que marque a real época em que a capoeira realmente começou a se desenvolver. O antropólogo Muniz Sodré, também investigador da capoeira, defende a ideia de que, “a questão do começo é um falso problema. O importante não é o começo, a data histórica não tem tanto interesse assim” (SODRÉ, 1992 *apud* CAPOEIRA, 1992, p. 17), mas sim todo o contexto, os valores atrelados à sua prática que surgiram e se ressignificaram, continuando a se ressignificar, a exemplo de nossa observação acerca dos processos contemporâneos de esportivização da capoeira.

A capoeira que se fundou e se desenvolveu no Brasil se ressignificou em cada período histórico que a contextualizou. Segundo o Dossiê do Iphan (2007), a capoeira passou por uma série de ressignificações desde 1808 até 1890. Na primeira metade desse período, a capoeira era interpretada como “capoeira escrava”, uma tradição rebelde com fortes raízes escravas. Já na segunda metade, entre 1850 e 1890, a capoeira começou a ser vinculada à marginalidade por conta da formação de grupos de capoeiras baderneiros e arruaceiros que surgiram nesse período, sendo praticada por diferentes grupos sociais: escravos, livres, libertos, africanos, descendentes de africanos, militares, portugueses, imigrantes europeus e, também, membros da elite social. Segundo Soares (2001), os negros afrodescendentes alcançaram visibilidade e mobilidade no contexto social e político da época e, ao se colocarem como ameaça às elites, foi sancionada pelo governo a lei 847 de outubro de 1890, no Código Penal Brasileiro, que proibia a prática da capoeira.

Após um longo período de repressão e perseguição chegamos a 1920. É a partir desta data que a capoeira começa a ser desvinculada da criminalidade e começa a se institucionalizar. É também em meados de 1930 que surgem as primeiras academias de capoeira. Temos ainda nesse período as contribuições de Mestre Bimba e Mestre Pastinha, dois mestres responsáveis por profundas transformações na capoeira e na institucionalização e sistematização de seus processos de ensino e aprendizagem (ABIB, 2004).

Por volta da metade do século passado, o então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, ao assistir uma apresentação de capoeira em Salvador, referiu-se a ela como único esporte genuinamente brasileiro (IPHAN, 2007). Estava dado o pontapé inicial para que a capoeira se espalhasse por todo o país, junto à possibilidade de ser ensinada a partir de processos pedagógicos sistematizados.

### ***Procedimentos metodológicos***

No presente estudo qualitativo, devido à subjetividade e às realidades múltiplas do conteúdo analisado, foi realizado um levantamento de percepções sobre o processo de esportivização da capoeira no cenário contemporâneo. Nesse sentido, fizemos uma pesquisa de campo ao longo do evento Troféu Revista Capoeira, que aconteceu entre os dias 15 e 17 de novembro de 2013, na cidade de Juiz de Fora (Minas Gerais), a partir de uma perspectiva etnográfica, método comumente utilizado nos estudos da antropologia.

A etnografia realizada teve como base metodológica o trabalho de Evans-Pritchard (2010) intitulado “A Dança”, que nos auxiliou na descrição analítica do cenário pesquisado. Além da etnografia, que nos trouxe uma descrição de um cenário pouco explorado na literatura específica relacionada à área, realizamos entrevistas do tipo semiestruturada para reunirmos discursos e representações, no intuito de complementarmos e aprofundarmos a realidade observada.

As entrevistas foram realizadas no último dia do evento, e contemplaram o principal ator envolvido nesse processo: os capoeiristas competidores. Foram escolhidos dois deles de forma aleatória para a coleta de dados. A partir dos discursos dos atores entrevistados, aliados à etnografia realizada no evento e à breve historiografia da capoeira no Brasil, apresentaremos uma descrição sobre o processo de esportivização da capoeira no cenário contemporâneo.

**Lócus da pesquisa de campo**

Na literatura há poucos estudos que descrevem os cenários das competições da capoeira. O evento Troféu Revista Capoeira, que serviu como *lócus* da nossa pesquisa de campo, realizou-se em Juiz de Fora - MG, no ginásio poliesportivo da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), entre os dias 15 e 17 de novembro do ano de 2013. O evento contou com programação para os três dias. No primeiro deles houve o credenciamento, a entrega de materiais e a roda de abertura. No dia seguinte, cursos de capoeira contemporânea, apresentação dos convidados e início da apresentação individual, como foi chamada a competição pelo “*jogo de benguela*” e “*jogo de são bento grande*”<sup>2</sup>. No último dia, ocorreram premiações de todas as categorias da apresentação individual realizadas no dia anterior, e novas competições das modalidades de solos e acrobacias, além do festival de músicas. A tabela a seguir traz quesitos avaliados no jogo de *benguela* e *são bento grande*, e também a explicação de cada um destes. A tabela foi construída a partir de informações retiradas do próprio regulamento da competição Troféu Capoeira 2013.

**Tabela 1**

Quesitos avaliados no jogo de “benguela” e “são bento grande”	Descrição dos quesitos
1. Tradição.	Conhecimento e respeito aos <i>fundamentos da capoeira</i> <sup>3</sup> e seus rituais.
2. Volume e qualidade no jogo de benguela e são bento grande.	Variação dos golpes e movimentos, em harmonia com a ginga no jogo da capoeira; nível de jogo do atleta: quanto melhor a fluidez e a variação de movimentos do jogador maior é o seu nível de jogo.
3. Criatividade e Harmonia.	Habilidade do atleta de inovar nos movimentos de capoeira, preferir golpes e movimentos em harmonia com o ritmo que está sendo proposto pela bateria. <sup>4</sup>
4. Técnica.	Habilidade demonstrada na execução dos golpes e movimentos de capoeira, buscando sua perfeição e efeitos típicos, revelando sua condição física para suportar os esforços.
5. Floreio.	Movimentos acrobáticos da capoeira. Representam uma quantidade infinita de acrobacias que podem ser originadas da capoeira, ginásticas, <i>breakdance</i> , outras danças, lutas ou mesmo possuir criação própria.

Fonte: Regulamento Troféu Capoeira, 2013.

<sup>2</sup> O jogo da benguela e o de são bento grande fazem parte da Capoeira Regional. A benguela é um toque que sugere um jogo mais lento que o do toque de são bento grande. Na benguela o jogo é lento, o que requer domínio e astúcia para ludibriar o adversário. No jogo de são bento grande o jogo é rápido, não se aproxima do chão, ficando evidente a presença da luta para quem observa o duelo.

<sup>3</sup> Os fundamentos da capoeira representam um conjunto de lições e tradições a respeito de sua prática. Porém, este conjunto não tem uma significação única, essas lições e tradições ganham significado próprio de acordo com a região, as características da capoeira de cada grupo e, em especial, seguem uma linha de pensamento repassada de geração a geração. Muitas das vezes, tais lições e tradições remetem à forma de se portar numa roda, seja jogando, cantando, tocando ou assistindo.

<sup>4</sup> Bateria instrumental, composta basicamente por três berimbaus, um atabaque, um ou dois pandeiros, um agogô e, em alguns casos, o reco-reco.

O evento contemplou várias categorias (Tabela 2), o que resultou na participação de um público diversificado de capoeiristas competidores. Tal fato corroborou para um número elevado de participantes. Também apresentava modalidades competitivas diferenciadas (como o festival de músicas e acrobacias, conforme Tabela 3), o que é bastante interessante para abranger a diversidade, a especificidade e o gosto de cada competidor pela parte da capoeira que mais lhe interessa.

**Tabela 2**

<b>Categorias, masculino e feminino</b>	<b>Faixa Etária</b>
Biribinha	De 2 à 5 anos
Pré-Mirim	De 6 à 8 anos
Mirim	De 9 à 11 anos
Infantil	De 12 à 15 anos
Juvenil	De 16 à 19 anos
Adulto	Acima de 20 anos

Fonte: <<http://www.revistacapoeira.com.br/agendaevento/trofeu-capoeira-2013-juiz-de-foramg/>>

**Tabela 3**

<b>Modalidade</b>	<b>Designação</b>
Saltos, solos, acrobacias	Livre (Sem divisão em categorias tanto pelo fator idade, como pelo fator gênero).
Festival de Música	Livre (Sem divisão em categorias tanto pelo fator idade, como pelo fator gênero).

Fonte: <<http://www.revistacapoeira.com.br/agendaevento/trofeu-capoeira-2013-juiz-de-foramg/>>

O espaço onde ocorreu o campeonato de todas as modalidades era agradável, bem iluminado e comportava tanto o número de participantes, como o de espectadores de forma confortável. Também contava com pronto atendimento, por parte de empresas que oferecem atendimento hospitalar adequado a eventos esportivos. O evento contou ainda com bombeiros no local.

Em relação aos capoeiristas competidores, observamos que estes estavam em sua maioria tensos e muito envolvidos com o contexto da competição. Lágrimas eram frequentemente observadas, ocasionadas por derrotas, frustrações e más classificações. Os mais experientes, já acostumados com as competições, não se abatiam com os maus resultados e sabiam como controlar os ânimos nos momentos difíceis de uma competição.

Pudemos observar também que muitos dos participantes já se conheciam, tornando grande a expectativa de competir com cada um dos adversários presentes. Assim como em outras lutas de vertente competitiva, na capoeira é comum uma pesquisa prévia sobre os possíveis oponentes, para conhecer suas potencialidades e limitações, principalmente se um deles tem favoritismo ou mais experiência.

### ***A esportivização pelo viés do capoeirista competidor***

O primeiro capoeirista competidor entrevistado foi um homem de 26 anos. Muito jovem, ele começou a participar de competições de capoeira, inicialmente em jogos regionais quando tinha apenas 12 anos de idade. Desde então vem participando de competições abertas de outros grupos, competições regionais, estaduais, internacionais. Apesar de participar de competições de capoeira, ele tem uma perspectiva diferenciada com esta modalidade. Pretende criar uma empresa de assessoria esportiva com profissionais para trabalhar com aulas de capoeira em escolas de educação infantil, e também quer um dia chegar a ser um grande mestre.

Nosso segundo competidor, também do sexo masculino, tinha 29 anos e já se encontrava, havia alguns anos, filiado ao mesmo grupo. Começou a praticar capoeira com 14 anos e, desde então, nunca mais parou. Com um ano de vivência na modalidade, fez sua primeira participação em uma competição de capoeira. A partir disso, participou de vários campeonatos em níveis regional, estadual e internacional. Trabalha ministrando aulas de capoeira em escolas de educação infantil e em uma academia para adultos. Sua perspectiva com a capoeira é melhorar suas habilidades técnicas, ministrar boas aulas e ser reconhecido nesse meio.

Na perspectiva da descrição da esportivização da capoeira no cenário contemporâneo pelo viés do capoeirista competidor, apresentaremos três eixos de análise, como veremos a seguir.

### ***Visibilidade e profissionalização***

A partir das respostas acerca dos benefícios de participar de uma competição de capoeira, analisamos os discursos dos entrevistados a partir do debate com o conteúdo encontrado na literatura elencada. Segundo o capoeirista competidor 1: “[...] ela ajuda a gente quando a gente vai ministrar aulas, te valorizam mais, melhora a rentabilidade à medida que tenho um maior valor e gera também status”. (Novembro, 2013)

De acordo com a fala do entrevistado, podemos observar o que Alves e Montagner (2008) chamam de ganho de visibilidade entre os capoeiristas que participam de eventos esportivos. Temos ainda as palavras do capoeirista competidor 2, que fez um discurso semelhante ao do competidor 1 nos trazendo uma outra categoria, a da profissionalização, o que viria permitir ao capoeirista sustentar-se pelo trabalho de ensino da capoeira. Nas palavras dele:

Gera status, dinheiro mesmo... Aqui mesmo, no campeonato, fiquei em segundo da modalidade de jogo e primeiro no de acrobacias. Não ganhei dinheiro, mas ganhei uma reputação que, de certa forma, faz com que o dinheiro venha pra mim, e é assim que o capoeirista vai fazendo... ganha um destaque, daqui a pouco alguém te chama pra dar um curso, uma aula, aí você vai ganhando status e com isso dinheiro (Competidor 2, novembro de 2013).

O ganho de visibilidade e a possibilidade de tornar-se um profissional é uma realidade comprovada na experiência dos entrevistados. Como o competidor 2 diz, a reputação conquistada nas competições pode retornar em remuneração adequada através de convites para ministrar cursos e aulas, o que faz desse processo uma possibilidade de profissionalização não só como atleta, mas como capoeirista que ministra aulas e participa da capoeira fora do contexto das competições. As questões aqui discutidas não refutam os



impasses e argumentos contrários à perspectiva esportivizante da capoeira, no entanto, nos dão margem a pensar nesta realidade pelo olhar do capoeirista competidor.

### ***Capoeirista atleta***

Esta segunda categoria emergiu também da análise dos discursos dos capoeiristas competidores ao averiguarmos, sobretudo, quais eram as motivações que os levavam a participar das competições de capoeira. Vimos que tanto o competidor 1, quanto o competidor 2, têm suas motivações centradas na questão da performance física, da manutenção da forma e, também, na perspectiva que Pasqua (2008) chamou por dominação de um pelo outro, de colocar em teste suas habilidades na tentativa de superação do outro.

O competidor 1 se prepara previamente para uma competição, adéqua sua alimentação e até sistematiza o seu treinamento com o intuito de obter o melhor resultado, como podemos ver em um trecho de sua resposta:

Geralmente a gente se prepara bastante para o Batizado da capoeira. O praticante percorre o ano todo treinando para esse momento, mas quando há uma competição, faz um treino mais específico, um macro e um micro ciclo, fica uma coisa muito mais estruturada para gente treinar com uma frequência maior (Competidor 1, novembro, 2013).

O competidor 2 também se prepara previamente para as competições, não tanto quanto o competidor 1, mas também realiza treinamentos específicos para melhorar o desempenho. A perspectiva de dominação ligada ao contexto das competições também aparece em seu discurso quando este fala de “se testar”. “A competição pra mim é um jeito de manter a forma, então, se você vem, participa legal, vem ver vários capoeiristas unidos, é um momento que você vai se testar [...]” (Competidor 1, novembro, 2013).

Sobre a temática da esportivização da capoeira, entende-se que esta, assim como qualquer outra modalidade que passou por este processo, pode seguir em diferentes direções, tais como adentrar os âmbitos do lazer, educação, entretenimento, alto rendimento e outros possíveis. A partir das considerações de autores como Pasqua (2008), Alves e Montagner (2008), Baptista (2010), Correio (2012) e Bruhns (2000), em seus trabalhos acerca da faceta esportiva da capoeira, tornou-se possível pensá-la em duas subclasses: a esportiva no âmbito do lazer/entretenimento, visando à plena formação do capoeirista em todos os aspectos, desde a capacidade de tocar instrumentos, como questões vinculadas à cultura e às partes técnicas e científicas; a esportiva voltada às competições de alto rendimento físico/técnico, onde emerge também o capoeirista atleta, este que desenvolve a prática da capoeira no intuito de atingir a vitória, a dominação do outro, representada pelo melhor desempenho e habilidade. A última delas parece estar mais presente nos discursos dos capoeiristas entrevistados.

### ***A competição na trajetória e na formação do capoeirista***

A questão que colocamos em discussão neste tópico implica em compreender qual a função das competições na trajetória e na formação do capoeirista, ou seja, como ele desenvolve a prática da capoeira no âmbito esportivo e, ao mesmo tempo, dá seguimento a sua perspectiva cultural, artística, histórica e educativa. Os capoeiristas entrevistados, ao dissertarem sobre suas trajetórias e participações em competições, remeteram-se à competição como uma forma de adquirir visibilidade e como elemento motivacional do capoeirista para o treinamento, como já tínhamos visto nos tópicos anteriores.

Os dois capoeiristas entrevistados participam também da capoeira no âmbito cultural/artístico, em projetos, e no âmbito educacional, ministrando aulas em escolas. Nas palavras do competidor 1 (novembro, 2013): “por conta da faculdade, nos finais de semana eu ministro aulas num centro cultural, e durante a semana eu trabalho com a capoeira

ministrando aulas em escolas particulares, para crianças de 2 até 12 anos”. Já o competidor 2 (novembro, 2013): “trabalho com crianças de 2 aos 6 anos, colégios particulares, escolinhas, trabalho com isso, capoeira curricular em escolas”. Desse modo, compreendemos que os capoeiristas competidores dedicam a maior parte do tempo à capoeira fora do contexto esportivo, ensinando e praticando a capoeira nos espaços educacionais, artísticos e culturais.

Quando ouvimos a respeito da perspectiva e objetivos que estes capoeiristas têm com a capoeira, notamos que a competição, enquanto fim em si mesma, não é citada. Podemos ver isso no discurso do competidor 2, que resume sua perspectiva com as competições em ter seu lugar garantido nas rodas, ser reconhecido pelos outros capoeiristas, tornar-se um grande mestre e fazer um bom trabalho com o ensino da capoeira. Também no discurso do competidor 1 vemos que seus objetivos corroboram com os do competidor 2:

[...] eu quero ter pessoas que venham até mim para fazer um bom treinamento. Eu tenho um projeto para o ano que vem que é abrir uma assessoria esportiva e dispor de profissionais para trabalhar com aulas de capoeira em escolas de educação infantil e, assim, chegar a ser um grande mestre (Competidor 1, novembro de 2013).

A partir de tais discursos entendemos que a competição, em suas trajetórias e formações, não se apresenta como finalidade principal. Esta apenas é parte de um objetivo maior vinculado ao *status*, à visibilidade, funcionando como elemento motivacional. Essa diferenciação de meio e fim nos permite pensar que o capoeirista pode participar deste contexto esportivo sem deixar de lado a capoeira que se estabelece sob a perspectiva do lazer, do entretenimento e dos aspectos educativos e culturais.

Lívia de Paula Machado Pasqua é autora de um trabalho que discute a presença do movimento acrobático no jogo da capoeira, apontando questões sobre sua faceta esportiva a partir das competições. Destacamos, então, algumas informações importantes para nossa análise presentes no referido trabalho: a visão de alguns grandes grupos de capoeira no Brasil (Abadá-capoeira, Capoeira Brasil, Semente do Jogo de Angola), bem como de organizações como a FICA e a Federação de Capoeira do Estado de São Paulo (FECAESP).

Para a Abadá-capoeira, a competição é importante e deve ser desenvolvida por meio de festivais, visando ao desenvolvimento completo do capoeirista (musicalidade, habilidades em geral, aspectos culturais, dentre outros). Já o grupo Capoeira Brasil vê a competição como importante para o desenvolvimento das capacidades físicas do capoeirista. Por fim, para a FICA e a FECAESP, a competição é saudável, ajuda na padronização técnica dos movimentos e ocorre em somente dois dias, já que no resto do ano o capoeirista estaria envolvido com a arte, a musicalidade, a vertente histórica, os espaços culturais, de lazer e educativos (PASQUA 2008).

Por outro lado, o Grupo Semente do Jogo de Angola tem opinião diferenciada dos demais. Este é contra a competição e acha que esta limita o capoeirista no desenvolvimento da prática (PASQUA 2008).

Dentre as vertentes apontadas pelos grupos citados, percebemos que as competições de capoeira são utilizadas, na maioria das vezes, para contribuir com a formação do capoeirista. Com isso, os capoeiristas por nós pesquisados têm participado desta faceta da capoeira sem deixar de lado a parte cultural, histórica, artística e também educacional da mesma. A partir dessa reflexão, é possível pensar na possibilidade de a competição existir na capoeira sem acarretar prejuízos para a manutenção de suas tradições, o que, entretanto, ainda é discutível tanto nas pesquisas acadêmicas sobre o tema, como no campo empírico que a cerca (PASQUA 2008).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de esportivização da capoeira no cenário contemporâneo vem se dando pela consolidação de sua faceta esportiva, não só pela compreensão da legitimidade da capoeira como esporte, mas também, por conta do aumento do número de competições organizadas, seja ela federada ou não. A faceta esportiva da capoeira é ainda um campo de conflito de ideias a respeito de sua legitimidade como esporte, havendo uma convergência de pensamentos conservadores que desclassificam tal perspectiva esportiva, e de otimistas que pensam na esportivização como um processo de ressignificação, inerente à capoeira e ao contexto na qual se insere contemporaneamente.

As reflexões aqui levantadas nos levam a pensar que o processo de esportivização contemporâneo tem contribuído em alguns setores, como para a divulgação da capoeira, a prospecção de participantes e espectadores, possibilitando uma profissionalização desse meio. Outra questão é que a partir de nosso estudo, entendemos que a esportivização parece fazer parte de um processo secundário para o capoeirista, servindo como meio de ascensão na capoeira, ganhando *status* e prestígio, além de estimular o capoeirista a treinar mais.

Como conclusão do presente trabalho, entendemos que as reflexões aqui levantadas não refletem o processo de esportivização da capoeira em sua plenitude, mas exemplificam e discutem pontos e contrapontos de elementos estruturantes na consolidação desse processo. De certa forma, percebemos por meio da pesquisa de campo, a partir do viés dos capoeiristas, que a esportivização da capoeira parece não abandonar sua vertente tradicional, pois toda a tradição é passível de ser reinventada. No entanto, fica a pergunta: estaria a capoeira se tornando um esporte moderno, a partir de sua trajetória de criação vinculada à tríade jogodança-luta? Como pauta de novos estudos, sugerimos uma incursão minuciosa sobre as formas de expansão, divulgação e espetacularização da capoeira nacional e internacionalmente, a partir do campo da sociologia do esporte, para que, assim, seja possível uma compreensão mais alargada sobre sua vertente esportivizante. Sobretudo, para compreendermos se a profissionalização na capoeira compromete ou pode coexistir com suas demais vertentes voltadas às suas singularidades.

## REFERÊNCIAS

- ABIB, P. R. J. **Capoeira angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. 2004. 173p. Tese de Doutorado (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas à Educação) - Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2004.
- ALVES, L. P; MONTAGNER, P. C. A esportivização da capoeira: reflexões teóricas introdutórias. **Conexões**, v. 6, p. 510-521, 2008.
- BAPTISTA, J. T. R. A esportivização da capoeira: da cultura de massa à indústria cultural. **Revista Movimenta**, v. 3, n 4, p.1984-4298, 2010.
- BARBANTI, V. O que é esporte? **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 11, n 1, p. 54-58, 2006.
- BRUHNS, H. T. **Futebol, Carnaval e Capoeira: Entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.
- CAPOEIRA, N. **Capoeira: os fundamentos da malícia**. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- CORREIO, L. P. M. P; BORTOLETO, M .A. C; PAOLIELLO, E. Competições de capoeira: apontamentos preliminares sobre os Jogos Regionais realizados pela FECAESP e pela Abadá-capoeira no estado de São Paulo. **Pensar a Prática**, v. 15, n. 2, p. 272-550, 2012.
- EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. The Dance. In: *Africa: Journal of the International African Institute*, v.1, n. 4, oct., 1928, p. 446-462. Traduzido por: **Núcleo de Estudos Ritual e Sociabilidades Urbanas (RISU)**. Março de 2010.

IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). **Dossiê inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil**. Brasília, 2007.

MARCHI JR., W. **“Sacando” o Voleibol**. São Paulo: Hucitec; Ijuí: Unijuí, 2004.

PASQUA, L. P. M. **Competições de Capoeira: a faceta esportiva da arte brasileira e a presença do elemento acrobático no jogo**. Campinas, SP, 2008.

REVISTA CAPOEIRA. **Regulamento troféu capoeira**, Juiz de Fora - MG, 2013 Disponível em:<<http://www.revistacapoeira.com.br/wpcontent/blogs.dir/20/files/2013/10/REGULAMENTO-TROFEU-CAPOEIRA-2013.pdf>>. Acessado em 23 de abril de 2014.

SAHLINS, Marshall. Adeus aos tristes tropos: a etnografia no contexto da moderna história mundial. In: SAHLINS, Marshall. **Cultura na prática**. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ, 2004, p.503-534.

SOARES, Carlos E. L. **A negregada instituição: os capoeiras na Corte Imperial**. Rio de Janeiro: Access, 1999.

SOARES, C. E. L. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas: Editora Unicamp, 2001.

VIEIRA, S. L. S. Capoeira - The Brazilian Martial Art. In: DACOSTA, L. (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Confef, 2006.